

OS DOIS TEXTOS DE *O SEMINARISTA* DE BERNARDO GUIMARÃES

Luana Batista de Souza (USP)

luana.souza@usp.br

O romance *O Seminarista* é uma das obras mais conhecidas do escritor mineiro Bernardo Guimarães. Tendo sido publicado pela primeira vez em 1872, trata-se hoje de um texto de domínio público, ou seja, sua edição não depende de autorização de herdeiros nem de pagamento de direitos autorais, podendo esta ser uma das razões pelas quais se verifica, desde a década de 1930, a circulação de dois textos diferentes da obra.

Nosso objetivo é apresentar estes dois textos diferentes do romance, iniciando pelo levantamento das edições publicadas desde a primeira, que data de 1872, até a décima terceira, publicada em 1949, seguido pelas alterações realizadas e sua influência na recepção da obra, bem como as hipóteses levantadas acerca da origem do segundo texto.

Como veremos, as alterações feitas ao texto relacionam-se, sobretudo ao estilo do autor, uma vez que não só palavras, como trechos e parágrafos são omitidos, substituídos ou ainda reelaborados. A partir dos exemplos apresentados, veremos que o estilo reconhecidamente descritivo de Bernardo é modificado, visto que diversas passagens descritivas são omitidas ou ainda resumidas, fazendo com que o texto perca muito de seu encanto em termos estilísticos.

1. *As edições*

Tanto o texto longo, quanto o curto são facilmente encontráveis em sebos, livrarias e na *internet*, sendo nesta última a ocorrência mais frequente do texto curto em *sites* que veiculam obras de domínio público. A versão longa é a da edição príncipe e das edições subsequentes até o início do século XX, já a versão curta, pelo que podemos constatar até o momento, foi publicada primeiramente pela editora Civilização Brasileira em 1931. Tendo em vista o princípio de edição mais antiga e publicada quando o autor estava vivo, e tra-

tando-se de um texto impresso, a mais próxima dos originais do autor (GREG, 1950-1951:29 *apud* CAMBRAIA, 2005:159), definimos *a priori* a edição de B.L. Garnier disponível na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro como texto base, por ser a *editio princeps*.

Considerando a data de publicação do romance e sua grande popularidade, hoje é praticamente impossível numerar as edições disponíveis no mercado, uma vez que além de se tratar de um texto de domínio público, que conforme já dito, dispensa a autorização dos herdeiros para sua publicação, as editoras que o publicam, muitas vezes numeram as edições a partir de sua primeira e não a partir da edição príncipe. É este o caso das editoras Ática e Moderna, por exemplo.

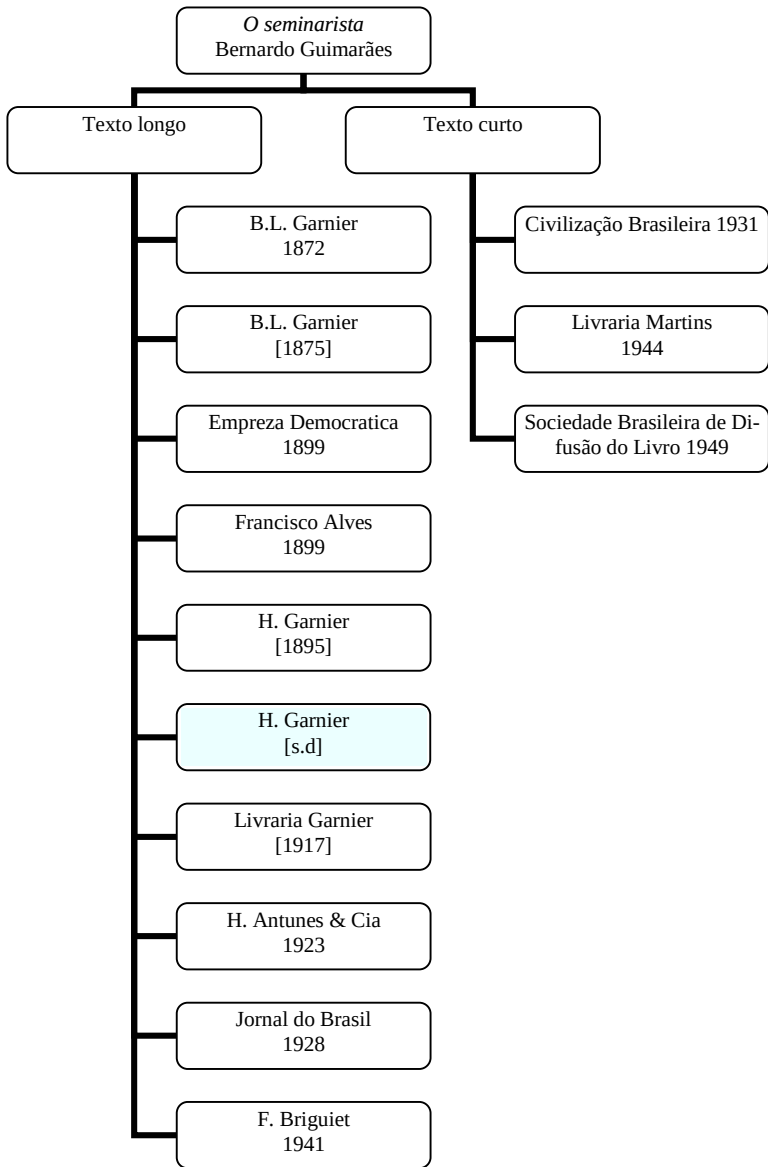
Embora o campo bibliográfico da obra seja relativamente extenso, apresentando não só o texto publicado pelo autor como conhecemos, mas também adaptações, como a editada pela Ebal (1955) em formato de história em quadrinhos e a versão condensada do texto publicada pela Rideel (2000), que tem estudantes como público-alvo, não há ainda uma edição crítica que tenha como objetivo estabelecer seu texto.

Como se trata de um assunto ainda não pesquisado, vemos aí a necessidade de se elaborar a edição crítica do romance, procurando estabelecer o texto a partir do cotejo de diversos testemunhos. Embora até o presente momento não se tenha notícia de testemunhos manuscritos, não podemos descartar a possibilidade de haver um manuscrito autógrafo que norteará a direção das investigações.

Segue abaixo um esquema ilustrativo das edições publicadas do romance até 1949, terceira a transmitir o texto curto.³² Estas edições foram divididas de acordo com o tamanho do texto editado.

³² Optamos por restringir o levantamento dos testemunhos até a edição de 1949, primeiramente por ser esta, conforme supracitado, a terceira a veicular o texto mais curto, e também por notarmos que, a partir das décadas seguintes, foram muitas as editoras que publicaram este romance, desta maneira, partindo do princípio de *eliminatio codicum descriptorum*, eliminamos nesta primeira etapa todos os testemunhos subsequentes, uma vez que os modelos, edições A e B, ainda subsistem (CAMBRAIA, 2005, p.146).

DEPARTAMENTO DE LETRAS



Como é possível notar a partir deste organograma, o número de edições em que o texto longo é publicado, é muito superior ao curto, no entanto, curiosamente a versão que mais circula hoje em nossas livrarias é a curta, talvez, quem sabe, por uma questão de economia.

De acordo com o organograma, de 1872 a 1949 houve treze edições do romance, sendo de 1872 a 1928, todas edições do texto longo, no entanto, em 1931, a Civilização Brasileira publica o texto curto. Dez anos depois, F. Briguiet, editora que comprou os direitos da Garnier, publica o texto da edição príncipe, e em 1944, a Livraria Martins publica o texto curto de Civilização Brasileira, por fim, em 1949, a Sociedade Brasileira de Difusão do Livro publica o mesmo texto da Martins. É importante ressaltar que não há qualquer informação nas edições de 1931, 1944 ou 1949 que o texto tenha sido alterado.

Ao contrário do que encontramos na maioria das edições do romance, no prefácio da edição de 1941 há uma listagem das dez primeiras edições da obra:

Veja-se este quadro editorial que é sobremodo elucidativo. A Livraria Garnier fez as primeiras quatro edições: 1872, 1875, 1888, 1897. A Empresa Democrática Editora, dá em 1899 a quinta edição. Garnier volta ao mercado com a sexta edição, em 1917. Seguem-se: H. Antunes & Cia, 1923; Editora Gráfica “Jornal do Brasil”, 8ª., 1928; e Civilização Brasileira Editora, 9ª. em 1931. Agora sai a 10ª. edição, realizada pelos Srs. F. Briguiet & Cia. (p. 8)

Esta listagem nos serviu de guia para a localização e coleta das fontes, contudo, como é possível notar a partir do organograma, nem todos os testemunhos encontrados foram listados por F. Briguiet. É o caso da edição da Francisco Alves de 1899 e das edições da Garnier, que salvo as duas primeiras, não correspondem à lista de 1941, visto que os testemunhos encontrados datam de 1895 e 1917 considerando os dados do colofão. Desta maneira, não sabemos se as datas atribuídas às edições da Garnier estão corretas, uma vez que estas não são datadas, salvo a primeira. Para que isso seja feito, é necessário lançar mão de conhecimentos sobre a história da editora, tais como sua impressão no Brasil ou na França, seu endereço e até mesmo seus donos, visto que nem sempre o colofão, que é um conjunto dos elementos informativos, tais como nome do tipógrafo ou

livreiro, lugar e data de impressão (FARIA & PERICÃO, 2008, p. 178), está presente para nos auxiliar.

Há ainda uma edição não datada, publicada por H. Garnier encontrada na biblioteca pública estadual Luís de Bessa, localizada em Belo Horizonte. Trata-se de um testemunho mutilado, estão faltando as dez últimas páginas, que referem-se aos três capítulos finais da obra. Estes foram inseridos em formato de cópia xerográfica, extraídos da edição de H. Antunes & Cia, publicada em 1923.

Um dado importante em relação às edições que deve ser considerado é que todos os livros de Bernardo Guimarães, incluindo *O Seminarista*, foram publicados por B.L. Garnier, que comprou os direitos autorais do livro, prática pouco comum na época. Na década de 1930 a casa é vendida a um antigo assistente de Baptiste Louis Garnier, com todos os direitos autorais de valor. (HALLEWELL, 2005, p. 268), o que poderia explicar por que em 1941, dez anos após a edição da *Civilização Brasileira*, não foi publicado o texto desta. Contudo, estranhamente a Livraria Martins publica, três anos depois o mesmo texto da *Civilização Brasileira*, embora tenha-se notícia de que F. Brigueit tenha vendido algumas obras para Martins. Na hipótese de que este seja o caso do nosso romance, como explicar a edição de texto curto?

2. Os dois textos: características e variantes

A partir do cotejo da primeira edição (1872) e da edição da *Civilização Brasileira* (1931) é possível notar claramente as alterações que foram realizadas no texto em relação ao texto original. Estas alterações não interferem na obra a ponto de modificar o enredo do romance, no entanto, a principal alteração verificada se dá no estilo do autor, conforme veremos adiante.

Bernardo Guimarães, ainda que não seja o autor preferido pelo cânone, é tido pelos críticos como um escritor descritivo. É o que afirma Ronald de Carvalho (1935, p. 259) ao dizer que as descrições de BG são agradáveis, que o romancista sabia evocar de maneira admirável os aspectos da natureza, concluindo que é como descritivo que ele merece atenção.

Embora o texto curto apresente alterações que não modificam de maneira significativa o enredo do romance, estas modificações não permitem ao leitor reconhecer no texto as características da escrita de BG citada nos manuais de literatura. Deste modo sua recepção, quando o público tem contato apenas com o texto curto, se dá de outra maneira.

O Seminarista é recebido de maneira muito positiva pelos críticos não só à época de sua publicação, como também posteriormente, sendo sua fortuna crítica de certo modo expressiva. Citaremos aqui dois exemplos.

Entre meados e fim da década de 1870, Jorge Velho (*apud* Lima, 2000, p.320 e 321) em carta-prólogo, publicada em seu livro *Folhas Silvestres*, dirigida a BG, declara:

Em *O seminarista*, porém, fez o Sr. Guimarães, uma obra-prima da língua portuguesa, superior à maior parte dos romances portugueses e brasileiros. Desenvolve bem as cenas e caracteres, e tem belíssimas comparações, todas tiradas da nossa terra e vida. [ao falar da descrição dos caracteres em relação as obras anteriores do romancista]

Tingiu-se seu espírito da cor da natureza, daqueles vastos horizontes, e pitorescas paisagens da nossa terra. Mais do que ninguém, tem ele na ponta do seu pincel, a cor local, o sentimento da terra e vida brasileira.

(...) As suas cenas se passam nas fazendas e vilas do interior, e são a cópia do que vemos diariamente.

Vê-se a casa, o curral, a gameleira no terreiro a sombrear dez braços em redor, com sua larga e aparada copa.

Na opinião de Antonio Candido (1971, p.238) “(...) Bernardo capricha em *situar* as narrativas, com o agudo senso topográfico e social característico da nossa ficção romântica”. A respeito de *O Seminarista*, ainda diz o crítico (1971, p.239):

Quem leu *O Seminarista* não pode esquecer a várzea com o riacho, a ponte, a porteira de varas, as duas paineiras, os dois caminhos que levam à casa do Capitão Antunes e à da tia Umbelina, ao lado da figueira; não poderá sobretudo esquecer a utilização por assim dizer psicológica que o romancista deles faz, como cenário *qualitativo* dos amores de Eugênio e Margarida – transformando-os numa paisagem subjetiva, variável na consistência e densidade.

Embora estes críticos acentuem a descrição como o ponto-chave da obra, conforme vimos enfatizando, mostraremos a seguir

como ela é afetada pelas alterações apresentadas pela Civilização Brasileira.

Comparando as duas edições, foi possível encontrar variantes de diversos tipos, que visam a omissão ou substituição de palavras, omissão ou reelaboração de trechos e parágrafos. Observando estas variantes, percebemos que elas ocorrem principalmente quando na fala do narrador há a descrição da paisagem, de uma situação ou ainda dos sentimentos das personagens. Vejamos os exemplos a seguir:

Tabela 1

A B.L. Garnier, 1872	B Civilização Brasileira, 1931
1 viaõ-se duas bellas e corpulentas paineiras, cujos galhos entrelaçando-se no ar formavaõ uma linda arcada de verdura (cap I - 4§)	viam-se duas corpulentas paineiras, cujos galhos, entrelaçando-se no ar, formavam uma arcada de verdura (cap I - 2§)
2 Fazendeiro trabalhador, bom e extremoso pae de familia (cap II - 51§)	Trabalhador, bom e extremoso pae de família (cap II - 43§)
3 como em uma terra fresca e cheia de seiva virginal (cap II - 88§)	como em uma terra fresca e cheia de seiva (cap II - 80§)
4 Eugenio era filho do capitão Francisco Antunes, fazendeiro de medianas posses, mas homem considerado no logar e pessoa de importancia (cap II - 51§)	Eugenio era filho do capitão Francisco Antunes, fazendeiro de medianas posses (cap II - 43§)
5 A pequena Margarida, apenas na idade de dois annos, estando a brincar no quintal por onde andava passeando a dona da casa, Umbelina e mais familia desgarrou-se por um momento da companhia da rapariga que a vigiava (cap II - 59§)	A pequena Margarida, apenas na idade de dois annos, estando a brincar no quintal, desgarrou-se por um momento da companhia da rapariga que a vigiava (cap II - 51§)
6 uma pequena e pobre casa, mas alva, risonha e aceiada (cap I - 1§)	uma pequena e pobre casa, mas alva, risonha e nova (cap I - 1§)

Nos exemplos 1e 3 vemos que os adjetivos são omitidos e no exemplo 2, o substantivo fazendeiro é omitido. Esta última alteração ocorre possivelmente pelo fato de o substantivo “fazendeiro” ser considerado dispensável nesta frase, uma vez que em algum momento anterior, já havia sido dito que o pai de Eugenio, que está sendo descrito neste exemplo, é fazendeiro.

Já nos exemplos 4 e 5, um longo trecho localizado no interior do parágrafo é omitido. De modo que em 4, o trecho refere-se a continuação da descrição do capitão Antunes, e em 5 é omitida parte da cena que está sendo desenrolada.

Por fim, no exemplo 6, vemos que a substituição de “aceiada” por “nova” não é sinônima.

Ainda no que diz respeito as alterações, muitas vezes estas parecem funcionar como uma economia no texto. É o caso das omissões de parágrafos e também das reelaborações, estas muitas vezes dão a impressão de resumir as palavras originais do autor.

Como vemos abaixo, os parágrafos omitidos apresentam longos trechos descritivos, que tanto enriquecem a narrativa, sejam eles relativos à paisagem, exemplos 1 e 4, sejam aos sentimentos, exemplos 2, 3 e 5:

Tabela 2

A

B.L. Garnier, 1872

1	Estava esta casinha situada embaixo de uma collina de pendor suave, aos pés da qual, se desdobrava delicioso vargado coberto de rasteiro e viçoso capim, e sombreado aqui e acolá por algumas paineiras e sucupiras. (cap I - 2§)
2	Os dous meninos pararão, e com a frente pendida para o chão guardarão silencio por alguns instantes; aquellas duas fronteas tão puras, ainda ha pouco tão radiantes de prazer e de innocencia, pela primeira vez se annuearão de uma pequena sombra de tristeza. (cap I - 40§)
3	Era um primeiro e tenue vapor, que mal lhes embaçava o sereno fulgor da aurora da vida; mas esse leve vapor bem poderia converter-se em sinistra e carregada nuvem prenhe de desgraças. (cap I - 41§)
4	Era ainda um coro de melros cantando, saltando, esvoaçando ao longo de vicejante e risonha encosta (cap. IV - § 148)
5	Deus, Margarida e a musa formavão como uma tríplice aureola, que cingirão a fronte de Eugenio de gloria, amor e beatitude, se os destinos do homem pudesse correr sempre na vida serenos e risonhos, como soem se nos antolhar nos sonhos dourados de puerícia. (cap. V - § 178)

Por sua vez, a reelaboração parece ser uma saída para alterar as palavras do autor de forma menos drástica em oposição à omissão de parágrafos. No entanto, como muitas vezes todo o trecho é reformulado, observamos que o estilo do autor não é conservado:

Tabela 3

A	B
B.L. Garnier, 1872	Civilização Brasileira, 1931
1 duas lindas e faceiras creanças, que alli vinhão quase sempre divertir-se e travessar junto da ponte á sombra das paineiras. Erão um rapazinho de doze a treze annos, e uma menina, que parecia ser mais nova do que elle uns doiz ou trez annos. (cap I - 7§)	Dois meninos brincavam á sombra das paineiras: um rapazinho de doze a treze annos e uma menina, que parecia ser pouco mais nova do que elle. (cap I - 3§)
2 Ditas estas palavras, as duas mulheres acompanhadas da demais familia forão-se recolhendo para casa, silenciosas e profundamente impressionadas por aquelle extraordinário incidente, que tornou-se por muitos dias o assumpto da conversação naquella casa (cap II -83§)	O extraordinario incidente foi por muitos dias o assumpto da conversação naquella casa (cap II - 75§)
3 outros assobiando ou cantando, outros tocando flauta, clarineta e outros instrumentos (cap. IV - § 148)	outros assobiando ou cantando, outros tocando variados instrumentos de sopro (cap. IV - § 140)

Como podemos ver nos exemplos acima, as palavras do autor foram completamente alteradas, ainda que a essência do que ele disse tenha sido de certo modo preservada. É interessante notar a espécie de resumo que a Civilização Brasileira faz. Em 1, “duas lindas e faceiras creanças” passam a ser “dois meninos”, no exemplo 2, a descrição do sentimento das mulheres em relação ao incidente da cobra que acabara de acontecer, é omitida e todo o parágrafo é resumido em poucas palavras relatando apenas que o incidente fora assunto durante muitos dias. Por fim, no exemplo 3, “flauta, clarineta e outros instrumentos” da edição A são descritos como “variados instrumentos de sopro” na edição B.

3. *A origem do segundo texto: hipóteses*

Diante do que foi apresentado até aqui a respeito da redação curta, podemos levantar algumas hipóteses sobre sua origem: o texto não pode ser de autoria de BG, visto que sua publicação ocorre cinquenta e nove anos após a primeira edição, além disso, foram publicadas apenas duas edições quando o autor estava vivo, a primeira em 1872 e a segunda provavelmente em 1875, ambas publicadas por B.L. Garnier e ambas com o mesmo texto. Pode se tratar então de um

caso de alteração feita pela própria casa editorial, que como vimos, substitui palavras, suprime alguns trechos, reelabora outros e assim por diante, tendo como objetivo final o “enxugamento” do texto que acabará resultando, em termos de produção do livro, numa economia muito grande.

Considerações finais

Conforme dito no início deste artigo, as variantes encontradas não mudam a essência do texto, no entanto, sua estilística é alterada. Bernardo Guimarães é descrito pelo cânone como um escritor que trabalha muito bem a questão da descrição, de modo que aquele leitor que tiver acesso apenas ao texto curto, certamente não concordará com o cânone, uma vez que nesta versão do texto, são suprimidos e reelaborados principalmente os trechos descritivos. É este tipo de dado que contribui para a hipótese de a segunda redação do texto não ser da lavra de Bernardo Guimarães, visto que ele não deixaria de imprimir nesta obra, assim como o fez nas outras, seu estilo marcadamente descritivo.

Ademais, devemos chamar atenção para o fato de que muitas das edições da obra que circulam em nosso mercado editorial não apresentarem qualquer informação acerca de qual edição tomaram como base, são poucos os exemplos que podemos citar, como o caso da Ediouro, e ainda há editoras que publicam o texto curto e o vendem como integral, como, por exemplo, a Ática.

Sendo *O Seminarista* uma obra de domínio público, isto só contribui para uma falta de rigor na elaboração de novas edições, visto que não é necessária autorização e/ou pagamento de direitos autorais a herdeiros. Se este tipo de problema, uma obra alterada por uma casa editorial sem qualquer informação que indique isto, que circula como texto genuíno do autor acontece com uma obra que hoje é de certo modo posta em segundo plano em relação à outras de sua época, não seria de se estranhar que isto acontecesse também com outras grandes obras de nossa literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Momentos decisivos. Volume II – 1836-1880. São Paulo: Martins. 4ª. ed, 1971.

CARVALHO, Ronald. *Pequena história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: F. Brigueit. 6ª. ed. rev, 1937.

FARIA, Maria Isabel Ribeiro de & **PERICÃO**, Maria da Graça. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: EDUSP, 2008.

GREG, Walter Wilson. *The rationale of copy-text. Studies in Bibliography*, Charlottesville, n. 3, p.19-36, 1950-1951.

GUIMARÃES, Bernardo. *O Seminarista*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1872. 258p.

_____. Rio de Janeiro: B.L.Garnier, [1875]. 258 p.

_____. Rio de Janeiro: Paris: H. Garnier, [s.d.]. 225 p.

_____. Rio de Janeiro: Paris: H. Garnier, [1895]. 244 p.

_____. Rio de Janeiro: Empresa Democrática, 1899. 192 p.

_____. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1899. 192 p.

_____. Rio de Janeiro: H. Garnier, [1917]. 244 p.

_____. Rio de Janeiro: H. Antunes & Cia, 1923. 125 p.

_____. Rio de Janeiro : Jornal do Brasil, 1928. 108 p.

_____. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1931. 172 p.

_____. Rio de Janeiro: F. Brigueit & Cia, 1941. 158 p.

_____. *Quatro romances: O Ermitão De Muquém; O Seminarista; O Garimpeiro; O Índio Afonso*. São Paulo: Martins, 1944.

_____. São Paulo: Sociedade Brasileira de Difusão do Livro, 1949.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 2005. 2ª. ed. rev. e ampl.

LIMA, Israel Souza. *Biobibliografia dos patronos*. Bernardo Guimarães e Casimiro de Abreu. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2000.